



Sidney Chalhoub, **Trabalho, lar e botequim**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

Obra expõe luz e sombras da belle époque

Historiador Sidney Chalhoub também prepara estudo sobre a vida política de Machado de Assis antes da literatura.

por Sylvia Colombo

A imagem sugerida pelo termo belle époque evoca abundância de riquezas, beleza arquitetônica à européia, pessoas finas e bem-vestidas frequentando salas de baile e óperas, uma sociedade glamourosa habitando uma cidade moderna, republicana, ligada nos gritos da moda parisiense. No Brasil do final do século 19, a belle époque caracterizou-se pelo fortalecimento político da República, o crescimento econômico e a expansão dos centros urbanos, em especial, o Rio de Janeiro. Para nos introduzir nesse idílico cenário, entretanto, o historiador carioca Sidney Chalhoub, da Unicamp, nos arremessa aos bastidores de uma briga de bar entre trabalhadores do porto, que acaba no assassinato de um deles por causa de uma disputa amorosa. "Trabalho, Lar e Botequim", importante estudo sobre a belle époque feito por meio da análise de processos criminais, é relançado agora e tenta mostrar as contradições de um período em que o surgimento de prédios modernos conviveu com a exclusão social e a insegurança de um poder público municipal que custava a se impor. Hoje, Chalhoub dedica-se a um estudo sobre Machado de Assis. Leia abaixo os principais trechos da entrevista que deu à Folha.

Folha - Qual foi o tipo de documentação utilizada em "Trabalho, Lar e Botequim"?

Sidney Chalhoub - Utilizei processos criminais de homicídios ocorridos no Rio no começo do século 20. Busquei atravessar essas fontes para buscar as visões dos próprios trabalhadores sobre os acontecimentos e experiências que protagonizaram. Explorei um pouco a imprensa da época, especialmente o "Correio da Manhã", periódico que me interessou a partir da crítica de Lima Barreto, em "Recordações do Escrivão Isaías Caminha", à forma como as notícias eram "construídas" nas redações dos jornais.

Folha - Como é a pesquisa que está fazendo agora sobre Machado de Assis?

Chalhoub - Pesquisei a vida de Machado como funcionário público, nas décadas de 1870 e 1880, quando foi chefe de seção no Ministério da Agricultura. Seu departamento estava encarregado de acompanhar questões relativas à emancipação dos escravos e política de terras. Machado enfrentou a resistência de senhores a tentativas do poder público em submetê-los ao domínio da lei. Em segundo lugar, mergulho em seus textos para ver como abordam a experiência dos dependentes livres e escravos diante da dominação. Meu argumento é que Machado foi um intérprete incansável do discurso político possível aos dominados numa sociedade ordenada pela lógica da escravidão e da dependência pessoal.

Folha - Se é assim, porque acredita que ele tenha deixado isso apenas nas entrelinhas de seus romances, preferindo centrar sua atenção em ironizar a elite de então e até mesmo o próprio homem?

Chalhoub - Convivo com essa pergunta há anos. No início de sua carreira, Machado não fazia mistério quanto às suas preferências políticas pelo liberalismo. Liderava uma seção da administração empenhada em coibir a vontade dos senhores, perdeu a maioria das batalhas e isso foi determinante em sua literatura. Tenho a convicção de que Machado era servidor por ideologia, pois acreditava na necessidade de o poder público lutar contra a barbárie dos senhores.

Folha - Em sua opinião, como Machado encarava a literatura?

Chalhoub - Para ele, interessava desvendar o sentido do processo histórico, não necessariamente evidente na observação da superfície dos acontecimentos. A representação literária desses sentidos exigia uma narrativa mais sinuosa. Para o leitor, assim como para o dependente -escravo, agregado ou homem livre pobre-, o sentido dos acontecimentos não era evidente. Para conseguir o que queriam, personagens como Helena ou o agregado José Dias seguiam a mesma metodologia em suas relações com os senhores: precisavam fazer com que fosse vontade deles, senhores, fazer aquilo que era objetivo deles, dependentes.

Folha - Machado atingiu seu objetivo, em sua opinião?

Chalhoub - Ele fez da metodologia dos dependentes um princípio de arte literária. Inventou personagens, diálogos e, a partir de "Memórias Póstumas de Brás Cubas", narradores que pareciam viver e expressar só aquilo que era rigorosamente compatível com as expectativas dos leitores/senhores. Ao fazer isso, realizou seu objetivo, de dizer as verdades que bem quis sobre a sociedade brasileira do século 19.

Sylvia Colombo
Editora-adjunta da Ilustrada

* Folha Ilustrada. São Paulo, 22 de setembro de 2001.